Lição 7: De modo universal, tudo o que é movido é movido por outro

1021. Após revelar seu objetivo, o Filósofo agora começa a executá-lo, ou seja, estabelecer que nem todas as coisas estão às vezes em movimento e às vezes em repouso, mas que algo é totalmente imóvel, e algo está sempre em movimento. O tratamento divide-se em duas partes.

Na primeira, ele mostra que o primeiro motor é imóvel;

Na segunda, que o primeiro móvel está sempre em movimento (L. 13).

A primeira parte divide-se em duas seções:

Na primeira, ele mostra a imobilidade do primeiro motor a partir da ordem dos motores e móveis;

Na segunda, a partir da eternidade do movimento (L. 13).

A primeira divide-se em duas partes:

Na primeira, ele mostra que o primeiro motor é imóvel;

Na segunda, que o primeiro motor é eterno (L. 12).

Acerca da primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra que provar o que se segue depende de demonstrar que tudo o que é movido é movido por outro;

Em segundo lugar, ele demonstra a proposição (L. 9).

De fato, ele já havia mostrado acima, no início do Livro VII, que tudo o que é movido é movido por outro, mediante um argumento genérico baseado no próprio movimento. Mas porque agora ele começou a aplicar o movimento às coisas móveis, ele aqui mostra que o que foi previamente provado de modo universal se verifica universalmente em todos os móveis e motores. Por isso, a primeira parte divide-se em duas partes:

Na primeira, ele apresenta uma divisão dos motores e móveis;

No segundo, ele explica sua proposição em casos individuais, no ponto 1024.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, divide os motores e os móveis;

Segundo, explica a divisão, no ponto 1023.

1022. Ele apresenta, portanto, primeiramente (790) três divisões dos motores e dos móveis. A primeira delas é que, entre os motores e os móveis, alguns movem ou são movidos *por acidente*, e outros *por si*. E ele toma "*por acidente*" em sentido amplo, incluindo o que move ou é movido em relação a uma parte. Assim, ao explicar o que entende por "*por acidente*", acrescenta que as coisas causam movimento ou são movidas *por acidente* de duas maneiras: (1) quaisquer coisas que se diz causar movimento em virtude de estarem presentes nas coisas que movem são ditas causá-lo *por acidente*, como quando se diz que um músico causa saúde, porque o conhecimento de música está presente naquele que cura; e, da mesma forma, as coisas são ditas movidas *por acidente* seja por existirem naquilo que está sendo movido, como um objeto no lugar existe em um lugar — por exemplo, quando dizemos que um homem está sendo movido porque o navio em que está está sendo movido —, seja por serem um acidente em um sujeito, como quando dizemos que o branco está sendo movido porque um corpo está sendo movido. (2) De outra maneira, as coisas são ditas mover ou ser movidas *por acidente* porque movem ou são movidas em relação a uma parte, como se diz que um homem golpeia ou é golpeado porque sua mão golpeia ou é golpeada.

Mas, quando essas duas maneiras *por acidente* de causar movimento ou ser movido são eliminadas, as coisas são ditas mover ou ser movidas *por si*, ou seja, quando não se diz que causam movimento ou são movidas em virtude de estarem na causa do movimento ou no que está sendo movido, ou porque alguma parte delas causa movimento ou é movida.

Portanto, deixando de lado o que causa movimento ou é movido *por acidente*, ele subdivide as coisas que são movidas *por si* naquelas que são movidas por si mesmas, como os animais, e naquelas movidas por outros, como os não vivos.

Ele apresenta uma terceira divisão, a saber, que algumas coisas são movidas segundo a natureza e outras não segundo a natureza.

1023. Em seguida, em (791), ele explica como discernir o que é segundo a natureza e o que não é segundo a natureza, tanto nas coisas que são movidas por si mesmas quanto nas coisas que são movidas por algo outro.

Primeiro, em relação às coisas que são movidas por si mesmas — como são os animais, que movem a si mesmos —, ele diz que são movidas segundo a natureza. E prova isso com base no fato de serem movidas por um princípio intrínseco, e, como as coisas cujo princípio de movimento está dentro são ditas movidas pela natureza, segue-se que o movimento de um animal, pelo qual ele se move a si mesmo, se comparado ao animal inteiro, é natural, porque esse movimento procede da alma, que é a natureza e a forma do animal. Mas, se comparado ao corpo, o movimento de um animal pode ser tanto natural quanto não segundo a natureza. A diferença depende do tipo de movimento e do elemento de que o animal é composto. Pois, se um animal

consiste em um elemento pesado predominante, como o corpo humano, e é movido para cima, tal movimento seria forçado em relação ao corpo; mas, se é movido para baixo, será um movimento natural para o corpo. No entanto, se houvesse animais cujos corpos fossem compostos de ar, como sustentavam os platônicos, então o contrário seria verdadeiro.

Segundo, ele explica como discernir movimentos forçados e naturais nas coisas que são movidas por outro. Destas, algumas, diz ele, são movidas segundo a natureza, como o fogo para cima e a terra para baixo; outras são movidas fora de sua natureza, como a terra para cima e o fogo para baixo, o que é um movimento forçado.

Terceiro, ele menciona outro tipo de movimento não natural nos animais, a saber, aqueles em que as partes dos animais são movidas de maneira não natural, sendo suas posições e o caráter do movimento anormais. Por exemplo, os braços de um homem se curvam (no cotovelo) voltados para frente, enquanto suas pernas se curvam (no joelho) voltadas para trás; mas cães, cavalos e animais semelhantes curvam as patas dianteiras voltadas para trás e as patas traseiras voltadas para frente. Se movimentos contrários a esses forem feitos, serão forçados e não segundo a natureza.

1024. Em seguida, em (792), ele prova que tudo o que é movido é movido por outro.

Primeiro, manifesta isso em casos evidentes;

Segundo, em casos sobre os quais há dúvida, no ponto 1025.

Deixando de lado as coisas que são movidas *per accidens*, porque tais coisas não são movidas, mas meramente se diz que são movidas quando outras coisas são movidas, e limitando-nos àquelas que são movidas *per se*, é claro, especialmente nas coisas movidas por compulsão e fora de sua natureza, que o que é movido é movido por outro.

Pois, no caso das coisas movidas por compulsão, é claro pela própria definição de compulsão que elas são movidas por outro. Pois compulsão, como se diz na *Ética* III, é aquilo cujo princípio é externo, não contribuindo a coisa que sofre com nada.

Depois das coisas que são movidas por compulsão, é claro que o que é movido é movido por outro se considerarmos as coisas movidas por si mesmas segundo a natureza, como os animais são ditos moverem-se a si mesmos. Pois nos animais é claro que algo está sendo movido por outra coisa — mas ainda pode haver uma questão sobre como distinguir neles o movente e o que está sendo movido. Pois, à primeira vista, parece a muitos que o que é verdadeiro com respeito a navios e outros artefatos que não existem segundo a natureza, a saber, que a parte que causa o movimento é diversa da parte que é movida, aplica-se aos animais, pois parece que a alma, que causa o movimento, está relacionada ao seu corpo, que é movido, como o marinheiro está relacionado ao navio, como se diz em *Sobre a Alma* II. Dessa forma, parece que o animal inteiro move a si mesmo na medida em que uma parte move outra. Mas se a alma está relacionada ao corpo como um marinheiro a um navio, ele deixa para ser investigado em seu tratado *Sobre a Alma*. No entanto, o fato de que uma coisa é dita mover a si mesma, na medida em que uma parte dela move e outra é movida, será mostrado depois.

1025. Então, em (793), ele explica sua proposição em relação às coisas nas quais isso é mais duvidoso. Sobre isso, ele faz três coisas.

Primeiro, ele estabelece aquelas coisas nas quais é mais duvidoso que tudo o que é movido seja movido por outro, a saber, nos pesados e nos leves, quando são movidos segundo a natureza.

Segundo, ele mostra que eles não se movem a si mesmos, em 1026;

Terceiro, ele mostra por que são movidos, (L. 8).

Ele diz, portanto, primeiro (793) que, visto que é nas coisas movidas por compulsão, e depois delas nas coisas que movem a si mesmas, que é especialmente evidente que tudo o que está sendo movido é movido por outro, a maior dúvida parece estar no membro restante da última divisão, a saber, nas coisas que não movem a si mesmas, mas são, no entanto, movidas naturalmente.

A "última" divisão à qual ele se refere é aquela na qual ele dividiu as coisas que são movidas não por si mesmas, mas por outro, naquelas que são movidas contra a natureza e naquelas que são movidas segundo a natureza. Nestas últimas, há dúvida sobre o que as move: por exemplo, objetos pesados e leves são movidos para seus lugares próprios segundo a natureza — i.e., o leve para cima e o pesado para baixo — e para lugares contrários por compulsão; mas a fonte de seu movimento quando são movidos segundo a natureza não é clara, como é quando são movidos contra a natureza.

1026. Então, em (794), ele prova com quatro argumentos que essas coisas não movem a si mesmas. O primeiro deles é que mover a si mesmo pertence à noção de vida e é peculiar aos seres vivos; pois é através de movimentos e sensações que distinguimos o animado do inanimado, como se diz em *Sobre a Alma* I. Mas é manifesto que os pesados e os leves como tais não são vivos, ou animados. Portanto, eles não movem a si mesmos.

1027. O segundo argumento é dado em (795); Coisas que movem a si mesmas podem fazer-se parar, como vemos que animais são movidos e param por razão de seu apetite. Portanto, se coisas pesadas e leves movessem a si mesmas com um movimento natural, elas poderiam fazer-se parar, da mesma forma que uma pessoa que é a causa de seu andar o é também de seu cessar de andar. Mas vemos que isso é falso, porque os pesados e os leves não param fora de seus lugares próprios, a menos que alguma causa externa intervenha para interromper seu movimento. Portanto, eles não movem a si mesmos.

Mas porque alguém poderia dizer que, embora tais coisas não sejam a causa de sua própria parada fora de seus lugares próprios, elas são, no entanto, a causa de parar em seus lugares próprios, ele acrescenta um terceiro argumento em (796): é irrazoável dizer que coisas que movem a si mesmas são movidas segundo um único movimento e não por muitos, porque o que move a si mesmo não tem seu movimento determinado por outro, mas determina seu próprio movimento para si mesmo, de modo que, em um momento, determina este movimento e, em outro, aquele. Portanto, está no poder do que move a si mesmo determinar para si este ou aquele movimento. Portanto, se coisas pesadas e leves movessem a si mesmas, seguir-se-ia que, se estivesse no poder do fogo ser movido para cima, também estaria em seu poder ser movido para baixo, algo que nunca vemos ocorrer, a menos que por uma causa extrínseca. Portanto, eles não movem a si mesmos.

Deve-se reconhecer que esses dois argumentos são prováveis em relação ao que aparece nas coisas entre nós que movem a si mesmas, que se descobre que, em um momento, são movidas com este movimento e, em outro, com aquele movimento, e, em outro momento, estão em repouso. Portanto, ele não diz: "É impossível", mas "É irrazoável", que é sua maneira de falar quando trata do que é provável. Pois ele mostrará depois que, se algo está movendo a si mesmo e é um movente inteiramente imóvel, ele está sempre sendo movido e com um movimento. No entanto, isso não poderia ser dito em relação a coisas pesadas e leves, nas quais não há nada que não seja movido, seja *per se* ou *per accidens*, e elas também são geradas e deixam de ser.

1028. Ele dá o quarto argumento em (797): Nenhum contínuo move a si mesmo. Mas corpos pesados e leves são contínuos. Portanto, nenhum desses move a si mesmo.

Que nenhum contínuo move a si mesmo, ele prova da seguinte maneira: O movente está relacionado ao movido como agente ao paciente. Mas, como o agente é contrário ao paciente, aquilo que é apto a agir deve ser dividido do que é apto a ser paciente. Ora, na medida em que as coisas não estão em contato mútuo, mas são completamente uma e contínuas em quantidade e forma, nessa medida elas não podem ser afetadas umas pelas outras. Dessa forma, portanto, segue-se que nenhum contínuo move a si mesmo, mas o movente deve ser dividido do que é movido, como é evidente quando coisas não vivas são movidas por coisas vivas, como uma pedra pela mão. Portanto, também nos animais que movem a si mesmos, há antes uma conexão de partes do que uma continuidade perfeita (pela qual uma parte pode ser movida por outra), uma situação que não se verifica nos leves e nos pesados.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:51:23 by Admin
Updated 1 October 2026 23:54:58 by Admin